

A REPRESENTAÇÃO DA VIVÊNCIA TRANS NO ANIMÊ HOUROU MUSUKO

Tayná de Souza Pereira ¹
Gabriel Mendes de Almeida ²
Marcelo Borges Rocha ³

RESUMO

Animê é a forma contraída da palavra em inglês *animation* que passou a designar todas as animações produzidas no Japão após a ocupação americana no país depois da 2ª Guerra Mundial. Essas obras são feitas conforme o público desejado, de acordo com o gênero e a faixa etária, com grande ênfase para a construção do roteiro. Dentre as temáticas abordadas, questões de gênero e sexualidade se fazem presentes. Diante disso, o presente estudo realizou uma análise fílmica do animê Haroun Musuko. Este animê conta a história de Nitori Shuuichi e sua amiga Takatsuki Yoshino. Ambos os personagens não se identificam com o gênero ao qual foram socializados. Os dois compartilham este segredo e passeiam juntos usando trajes considerados do sexo oposto. Com o passar do tempo, fica cada vez mais difícil para eles se travestir secretamente e começam a ter preocupação no desenvolvimento do corpo. Toda esta análise foi feita a fim de gerar uma discussão sobre quais as possíveis contribuições as diferentes perspectivas apresentadas podem trazer para a Educação em Ciências e a Divulgação Científica. Com base nos resultados nota-se que o maior fio condutor da história é a jornada de aceitação do protagonista com sua identidade de gênero. As crianças da história vivem em uma sociedade onde ainda se há pouca informação sobre a transexualidade e muitas inclusive nem sabem o que é. A partir da história, é possível notar que o animê aborda desde a autodescoberta e autoaceitação de pessoas trans até a aceitação de familiares, amigos e conhecidos, abordando sobre as confusões e frustrações que passam pela mente de pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram socializadas até o preconceito sofrido pela sociedade em que vivem.

Palavras-chave: Animê, Haroun Musuko, Questões de gênero, Educação em Ciências.

INTRODUÇÃO

Os animês são desenhos animados japoneses. Muitos deles são baseados nos mangás e compartilham histórias e personagens. Os animês fazem parte da televisão brasileira desde a década de 1960 e se classificam por faixas etárias e gênero tendo a maior audiência em torno do gênero masculino com idade entre 18 e 24 anos, estudantes de nível médio a superior de

¹ Mestranda em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, taynaszpereira@gmail.com;

² Doutorando em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mendesbio88@gmail.com;

³ Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ rochamarcelo36@yahoo.com.br;

classe alta e com grande interesse na tecnologia, cultura urbana, música, sexo e ação (KLEPKA, DADA e FARIAS JR., 2013).

Como destaca Miranda (2018) há muito tempo as animações japonesas já enfrentam as questões de sexualidade e gênero sem nenhuma dificuldade. O debate sobre a liberdade sexual no Japão remonta séculos e ainda está inconcluso. O *Kabuki*, por exemplo, espécie de teatro tradicional japonês, criado no século XV e considerado como patrimônio da humanidade pela Unesco, possui como marca principal a aparência e maquiagem *andrógena* dos atores. Apesar de criado originalmente como uma forma de expressão cultural por mulheres, até pouco tempo apenas aos homens era permitido a participação neste gênero teatral, o que hoje já foi superado. O mesmo vale para animês e mangás.

Ainda de acordo com este autor, embora seja impossível afirmar que o mundo dos mangás e animês superou as questões de gênero, é inegável o avanço neste campo do cinema, consolidado ao longo do tempo e que supera a barreira da idade. O debate proposto por algumas pessoas mais conservadoras no Brasil, de que a infância e adolescência não comportam a discussão sobre sexualidade seria motivo de piadas no mundo dos animês, pois esta é uma discussão superada há muito tempo. É evidente que muito ainda precisa ser feito, mas é um exemplo a ser estudado, até porque estamos tratando de campo da cultura onde os principais produtores e consumidores são jovens e adolescentes (MIRANDA, 2018).

Dessa forma, o presente trabalho teve por objetivo analisar alguns episódios do animê Harou Musuko a fim de explorar seu potencial como material para Educação em Ciências e Divulgação Científica dentro da temática das discussões de gênero, em especial a transexualidade.

METODOLOGIA

O estudo é de cunho qualitativo, descritivo e pautado na análise fílmica levando em consideração os estudos de Vanoye e Goliot-Lété (2006). Foram analisados os episódios do animê Harou Musuko (Fig. 1), traduzido para o inglês como *Wandering Son*. Este animê conta a história de Nitori Shuuichi e sua amiga Takatsuki Yoshino. Ambos os personagens não se identificam com o gênero ao qual foram socializados. Os dois compartilham este segredo e passeiam juntos usando trajes considerados do sexo oposto. Com o passar do tempo, fica cada vez mais difícil para eles se travestir secretamente e começam a ter preocupação no desenvolvimento do corpo.



Figura 1. Animê Hourou Musuko



Figura 2. Capas do mangá Hourou Musuko

Além da análise dos episódios foi utilizado o site *Wandersin Son Wiki - Fandom*, com o intuito de reunir maiores informações sobre a história e os personagens apresentados ao longo do animê, já que o site possui diversos artigos referentes ao mesmo. Esta análise foi pautada na discussão sobre gênero e sexualidade, identificando os principais aspectos sociocientíficos relacionados à temática, comentando quais destes podem ser utilizados na Divulgação Científica e na Educação em Ciências. Esta discussão foi embasada em autores como Klepka et al. (2013), Santos e Satler (2020) e Rodrigues et al. (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O animê analisado foi escrito pelo autor Takako Shimura e lançado em 2011 se baseando no mangá homônimo. Percebe-se já pela sinopse que a principal temática da animação é a transexualidade, mais especificamente em crianças, temática essa que ainda é muito discutida até mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+.

Nota-se que o maior fio condutor da história é a jornada de aceitação do protagonista Nitori com sua identidade de gênero. No começo da história o personagem apenas praticava *crossdressing* e sua amiga Tatsuki era a única pessoa que sabia, porém ao longo de sua jornada outras pessoas vão descobrindo seu segredo. Na história, Nitori está perto da fase da puberdade onde há o começo da mudança do corpo e da voz e enxerga a distância entre gênero e sexo se tornando cada vez maior lidando com isso de forma ainda muito imatura e ingênua. Tatsuki por outro lado, mesmo tendo as mesmas inquietações que Nitori já consegue lidar com isso de maneira mais prática, uma vez que já pensa na transição de gênero como alternativa para sua frustração.

Em contrapartida, as crianças da história vivem em uma sociedade onde ainda se há pouca informação sobre a transexualidade e muitas inclusive nem sabem o que é. Apesar disso, Nitori acaba conhecendo uma mulher trans mais velha durante sua jornada e ela o ajuda a se entender cada vez mais durante a trama.

A discussão sobre gênero na educação foi instituída mediante os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs dentro do tema transversal Orientação Sexual (BRASIL, 1997). O documento trás o bloco temático “Relações de gênero” que sugere os seguintes conteúdos: a diversidade de comportamento de homens e mulheres em função da época e do local onde vivem; a relatividade das concepções tradicionalmente associadas ao masculino e ao feminino; o respeito pelo outro sexo, na figura das pessoas com as quais se convive; o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino. Todas essas questões são abordados no animê, o que reforça seu potencial para essa finalidade educacional.

Apenas após 9 episódios da trama, se conhecendo melhor e conversando com seus colegas de escola sobre a sua real identidade de gênero Nitori decide ir de peruca para a escola e a reação de seus colegas e professores não é agradável, já que até seus pais foram chamados na escola e posteriormente Nitori foi levado para a enfermaria. Após essa cena Nitori se afasta da escola e só depois de um tempo seus pais, amigos e alguns professores se mostram abertos a aprenderem sobre a transexualidade e começam a apoiar o personagem. O

animê atinge seu clímax através de uma cena em que os alunos da escola onde Nitori e Tatsuki estudam fazem uma peça com todos os personagens da mesma com seus gêneros trocados, peça essa escrita e estrelada por Nitori.



Figura 3. Cena de Nitori na escola

A partir da história, é possível notar que o animê aborda desde a autodescoberta e autoaceitação de pessoas trans até a aceitação de familiares, amigos e conhecidos, abordando sobre as confusões e frustrações que passam pela mente de pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram socializadas até o preconceito sofrido pela sociedade em que vivem.

Com base nisso, no que se refere a Educação em Ciências, esse animê se apresenta como um material audiovisual que pode ser manipulado para gerar discussões em sala de aula e outros espaços educacionais para a discussão a respeito das questões de gênero.

Uma característica interessante da animação é que ela vai “contra” o que é produzido na maioria das indústrias de animações japonesas, pois não sexualiza pessoas transexuais e aborda sobre essa vivência com bastante respeito e empatia, diferentemente por exemplo de alguns animês muito famosos no Japão e no mundo. Alguns exemplos seriam o animê Yu Yu Hakusho, onde na trama é possível encontrar algumas cenas extremamente ofensivas e transfóbicas; e o animê One Piece, que traz em sua história alguns personagens transexuais

porém os trata de maneira caricata e cômica, faltando certo cuidado ao abordar a vivência de pessoas trans e gerando um esteriótipo deturpado da imagem destas. Em um estudo realizado por Silva e Oliveira (2020) a partir de uma análise de algumas animações e quadrinhos japoneses foi possível elencar duas diferentes categorias de representação da transgeneridade: transgêneros como vilãs e estratégia de disfarce transgênero. A primeira advinda do animê Cavaleiros do Zodíaco e a segunda advinha do animê Sailor Starlights. Os autores observaram que as ilustrações, características, diálogos remetem à cultura oriental da época. Em razão do conservadorismo da cultura japonesa, foi observado que essas personagens foram alocadas na história, mas não há um questionamento acerca de suas transgeneridades, a menos que se apresente como forma de piada perpetrada por um oponente. No caso da transgeneridade das *Sailor Starlights/Three Lights* foram imposições para se atender ao objetivo de lutar ou se disfarçar. Não havia autoidentificação como mulheres ou homens trans, o meio externo as obrigou, entretanto, ao ter contato com outras personagens, suas identidades foram sendo produzidas e as mudanças nas suas personalidades e nas suas histórias de vida ocorreram, mesmo que permeadas e reforçadas pelos estereótipos de gênero.

Portanto, apesar dessa e outras animações também possuem aspectos sociocientíficos que podem gerar reflexões interessantes é inegável que a cultura altamente conservadora do Japão ainda é capaz de influenciar estas obras. Porém, apesar dessa cultura conservadora Cristiane Sato (2007) destaca alguns animês e mangás que trazem papéis mais fluidos onde a identidade de gênero é mais respeitada como é o caso do animê analisado neste estudo. Para a autora, os japoneses aceitam essas características nas obras de melhor forma que alguns ocidentais, pois estão acostumados a ouvirem histórias de personagens que usualmente faziam *crossdressing* para alguma finalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se com esse trabalho defender o potencial que os animês têm no que diz respeito a contribuir com o debate acerca da diversidade de gênero e sexualidade uma vez que tal temática se faz presente com frequência nessas obras e essas são apreciadas por um público em sua maioria de adolescentes e jovens.

Resalta-se que os animês são obras produzidas com a finalidade do entretenimento e dessa forma, explorar seu potencial educacional/pedagógico necessita da sensibilidade do educador para extrair e manipular o material com essa finalidade.

O debate sobre a diversidade de gênero na educação se faz cada vez mais necessário frente ao combate ao preconceito assim como é de supramportância que os professores estejam capacitados e disponham de recursos e materiais para auxiliá-los nesse trabalho. As animações que costumam fazer parte do cotidiano dos estudantes tornam-se assim um aliado a mais nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>

KLEPKA, V.; DADA, R. P.; FARIAS JUNIOR, G. A mensagem escondida em mangás e animês: uma análise da imagem para a construção de valores quanto ao gênero. **Revista Akrópolis**, v. 21, n. 2, 2013.

LIMA, C. A. R.; COSTA, M.; JANUÁRIO, S. M. B. B.; CAVALCANTI, G. K. M. Dispositivo pedagógico da mídia e representações de gênero e sexualidade em: She-Ra and The Princess of Power. Anuario Electrónico de Estudios em Comunicación Social “Dissertaciones”, 15(1), 1-21, 2022.

MIRANDA, S. A. A. Gênero e sexualidade nos animes: Um debate que surpreende. **Sustentabilidade e Democracia**. 2018. Disponível em: <https://sustentabilidadeedemocracia.wordpress.com/2018/09/24/genero-e-sexualidade-nos-animes-um-debate-que-surpreende/> Acesso em: 08.jun.2022

SATO, Cristiane A. **Japop: o poder da cultura pop japonesa**. São Paulo: NPS-Hakkosha, 2007.

SANTOS, T. S.; SATLER, L. L. Os estereótipos de Gênero em Your Name. **Intercom, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020.



SILVA, A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. O corpo transgênero em animações e quadrinhos: uma análise psicossocial. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 1, 2020.

VANOYE, F.; GOLIOT-LETÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**: Papyrus editora, 1994.